



Revista
Educar Mais

Percepção de educadores sobre a inclusão e a escolarização de estudantes com altas habilidades/superdotação

Perception of educators about the inclusion and schooling of students with high skills/giftedness

Percepción de los educadores sobre la inclusión y escolarización de estudiantes con altas competencias/dotación

Ana Carolina de Lima Jobim Medeiros¹  • Michell Pedruzzi Mendes Araújo² 

RESUMO

Com o intuito de conhecer as possibilidades para a escolarização de estudantes com altas habilidades/superdotação e ampliar o olhar sobre as necessidades educacionais desses sujeitos, convidamos professores que atuam na Educação Básica a compartilharem suas práticas, observações e experiências nesta pesquisa exploratória, de abordagem quali-quantitativa. Tendo embasamento em teóricos como Alencar (1986), Fleith (2007), Virgolim (2007), Pérez e Freitas (2011) e Gardner (1994), os dados empíricos obtidos por meio da aplicação do questionário e de entrevistas semiestruturadas foram analisados e nos possibilitaram uma análise ampliada de práticas como o enriquecimento curricular, a flexibilização/compactação de conteúdos e a aceleração e sobre a importância do Atendimento Educacional Especializado direcionado a esse público-alvo. Ademais, pudemos apreender características essenciais para a identificação de indivíduos com altas habilidades/superdotação e refletir acerca do papel que o professor ocupa no processo de reconhecimento dessas habilidades superiores.

Palavras-chave: Educação especial; Altas habilidades; Superdotação; Atendimento educacional especializado.

ABSTRACT

In order to find out about the possibilities for schooling children with high abilities/giftedness and to expand their perspective on the educational needs of these subjects, we invited teachers who work in Basic Education to share their practices, observations and experiences in this exploratory research, with a qualitative approach. -amount. Based on theorists such as Alencar (1986), Fleith (2007), Virgolim (2007), Pérez and Freitas (2011) and Gardner (1994), the empirical data obtained through the application of the questionnaire and semi-structured interviews were analyzed and enabled an expanded analysis of practices such as curricular enrichment, content flexibility/compacting and acceleration and on the importance of Specialized Educational Assistance directed to this target audience. Furthermore, we were able to apprehend essential characteristics for the identification of individuals with high skills/giftedness and reflect on the role that the teacher plays in the process of recognizing these superior skills.

Keywords: Special education; High skills; giftedness; Specialized educational service.

RESUMEN

Con el fin de conocer las posibilidades de escolarización de niños con altas capacidades/superdotación y ampliar su perspectiva sobre las necesidades educativas de estos sujetos, invitamos a docentes que actúan en

¹ Licenciada em Pedagogia e Bacharel em Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo) pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia/GO – Brasil. E-mail: carolinaljmedeiros@gmail.com

² Licenciado em Ciências Biológicas e Pedagogia, Mestre e Doutor em Educação e Professor da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia/GO – Brasil. E-mail: michellpedruzzi@yahoo.com.br

Educación Básica a compartir sus prácticas, observaciones y experiencias en esta investigación exploratoria, con un enfoque cualitativo-cantidad. Con base en teóricos como Alencar (1986), Fleith (2007), Virgolim (2007), Pérez y Freitas (2011) y Gardner (1994), se analizaron y analizaron los datos empíricos obtenidos mediante la aplicación del cuestionario y entrevistas semiestructuradas. permitió un análisis ampliado de prácticas como el enriquecimiento curricular, la flexibilización/compactación de contenidos y la aceleración y sobre la importancia de la Atención Educativa Especializada dirigida a este público objetivo. Además, pudimos aprehender características esenciales para la identificación de individuos con altas habilidades/superdotación y reflexionar sobre el papel que juega el docente en el proceso de reconocimiento de estas habilidades superiores.

Palabras clave: Educación especial; altas habilidades; superdotación; servicio educativo especializado.

1. INTRODUÇÃO

Gênios, crianças precoces, prodígios. Esses são alguns dos termos utilizados pelo senso comum para se referir aos sujeitos com altas habilidades/superdotação. Embora existam, no Brasil, definições, leis e normas bem estabelecidas, ainda há muita incompreensão e curiosidade em torno da identidade e das especificidades desses indivíduos.

Diante desse desconhecimento, convém destacar que os sujeitos com altas habilidades/superdotação “[...] demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes” (BRASIL, 2008). Dentre suas características, eles também apresentam criatividade e grande envolvimento em tarefas de seu interesse.

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) assegura aos estudantes com AH/SD³ o acesso a currículos, métodos, técnicas e recursos educativos que atendam às suas necessidades. Embora essa seja uma orientação a ser seguida por educadores dos diferentes sistemas de ensino, são poucos os estudos que avaliam as práticas pedagógicas adotadas para esse público. Como é feito o atendimento? Há a devida adaptação curricular prevista nas leis e normas brasileiras? Quais são os caminhos que os educadores têm galgado para potencializar a aprendizagem dos seus discentes que possuem altas habilidades/superdotação? Essas são algumas das questões centrais que motivaram a execução dessa pesquisa.

Objetivamos, de forma geral, nesta pesquisa, compreender os caminhos possíveis para a escolarização de educandos com altas habilidades/superdotação, a partir da perspectiva de educadores. Neste caminho, de forma específica, buscamos conhecer as especificidades deste público, perceber quais são as práticas pedagógicas adotadas e como é feito o atendimento educacional especializado a esses sujeitos, e avaliar o papel que o educador ocupa no processo da inclusão educacional desse público.

Para isso, realizamos uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa e de caráter exploratório, embasada pela análise das obras de Alencar (1986), Fleith (2007), Virgolim (2007) e Pérez; Freitas (2011), autores que realizam estudos sobre as características dos sujeitos com habilidades superiores e que trazem relevantes contribuições para a melhor forma de atender às necessidades educacionais desses indivíduos. Também utilizamos conceitos cunhados por Gardner (1984) e sua Teoria das Inteligências Múltiplas. Abordamos ainda as políticas públicas pensadas para a Educação Especial de crianças e

³ Adotaremos, neste estudo, a sigla AH/SD para nos referirmos aos indivíduos com altas habilidades/superdotação.

jovens brasileiros, em especial as que regem o atendimento aos 23.758 estudantes com altas habilidades/superdotação matriculados no Brasil (IBGE, 2021).

Além da revisão bibliográfica, aplicamos questionários sobre a temática e realizamos entrevistas semiestruturadas com duas profissionais que possuem experiência na escolarização de alunos com altas habilidades/superdotação, seja como professores regentes ou no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Ao todo, foram quatro respondentes e duas entrevistadas, que contaram suas experiências na identificação e escolarização de estudantes com habilidades superiores em diferentes áreas do conhecimento.

A partir dos dados produzidos por meio dos questionários e entrevistas, buscamos estabelecer reflexões sobre o perfil dos educadores da Educação Especial, as metodologias de ensino adotadas, os desafios enfrentados pelos docentes e a forma como a inclusão das crianças e jovens com habilidades superiores tem sido feita nas escolas brasileiras.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Foi apenas a partir do século XX que pesquisas experimentais com sujeitos com altas habilidades/superdotação permitiram avanços na “[...] identificação das características que discriminam aqueles indivíduos que se destacam por sua inteligência superior de outros de inteligência média e os possíveis fatores que poderiam explicar diferenças entre os dois grupos” (ALENCAR, 1986, p. 15). Dentre essas pesquisas, Alencar (1986) destaca a de Binet e Simon, responsável pelo desenvolvimento da Escala de Binet-Simon para dimensionamento das habilidades verbais e lógica de crianças; e a de Terman, que desencadeou a associação dos superdotados a resultados superiores em testes de inteligência e, conseqüentemente, a um alto QI (quociente de inteligência).

Neste período, predominava a definição de altas habilidades/superdotação associada ao bom desempenho escolar e à obtenção de um alto escore em testes de inteligência. Essa ideia, ainda hoje bastante presente no senso comum, contribuiu, ao longo da história, para a associação da figura das crianças com altas habilidades/superdotação ao estereótipo de gênio ou prodígio.

As recentes mudanças na concepção de inteligência contribuíram para a ampliação no conceito de altas habilidades/superdotação, bem como para a dissociação deste a estereótipos anteriormente disseminados.

A Teoria das Inteligências Múltiplas, desenvolvida pelo psicólogo estadunidense Howard Gardner (1994), é uma das teorias de inteligência que contribuíram para a expansão no conceito de altas habilidades/superdotação. Essa teoria advoga a existência de inteligências distintas, quais sejam: linguística; musical; lógico-matemática; espacial; corporal-cinestésica; interpessoal, intrapessoal e naturalista. O autor considera, ainda, a existência de uma possível nona inteligência: a inteligência existencial (GARDNER, 2010).

Segundo a teoria de Gardner (1994), uma pessoa pode ter um alto nível de habilidade em uma inteligência e nenhuma habilidade em outra. Isso demonstra a heterogeneidade dos indivíduos com AH/SD, que se diferenciam tanto genética quanto culturalmente. Por esse prisma, é nosso dever desmistificar o que o senso comum apregoa a esses sujeitos, como, por exemplo, os consideram “superdotados” em todas as áreas do conhecimento.

Dentro da lógica das múltiplas inteligências, Renzulli (*apud* VIRGOLIM, 2007, p. 43) fala em duas categorias distintas de habilidades superiores: a superdotação escolar, relacionada ao bom desempenho escolar; e a superdotação criativo-produtiva, cuja ênfase está na produção e desenvolvimento de materiais e na resolução de problemas. Apesar de distintas, ambas exigem que a escola lhes dê a oportunidade de explorá-las, possibilitando que o estudante possa pensar e agir na área que lhe é de interesse.

Virgolim (2007) aponta que o reconhecimento e a estimulação das altas habilidades/superdotação deve ser feito de forma conjunta entre escola, família e sociedade. No entanto, em função do impacto que as altas potencialidades têm na escola é que esta, enquanto instituição, deve estar diretamente envolvida nesta identificação.

A autora reforça que a principal meta na identificação dos alunos com habilidades superiores deve ser “[...] a localização de potenciais que não estão sendo suficientemente desenvolvidos ou desafiados pelo ensino regular” (VIRGOLIM, 2007, p. 57).

Dentre os impactos da não identificação desses indivíduos durante a escolarização estão, de acordo com Guimarães e Ourofino (2007, p. 55), problemas de desajustamento, desinteresse em sala de aula e o baixo rendimento escolar. Esses impactos podem existir ainda, de acordo com as autoras, em um contexto em que as altas habilidades/superdotação são tidas como um simples rótulo e que onde não há um planejamento pedagógico ou uma orientação educacional intencional e contextualizada.

No processo de identificação, Guimarães e Ourofino (2007) defendem a realização de uma sequência de procedimentos que combinem diferentes instrumentos de avaliação. Dentre os instrumentos mais utilizados para a avaliação formal e a observação dos indivíduos com altas habilidades/superdotação estão os testes psicométricos; as escalas de características; o uso de questionários; a observação do comportamento e a realização de entrevistas com a família e os professores.

O uso desses instrumentos, no entanto, deve estar adequado ao conceito de superdotação adotado, aos tipos de talentos ou habilidades a serem identificados, e, ainda, aos conteúdos e objetivos propostos (GUIMARÃES; OUROFINO, 2007). É preciso, porém, que, para além dos testes de inteligência, sejam consideradas características como a criatividade, a aptidão musical e artística nesse processo.

Considerando a escola como espaço vital na identificação de estudantes com altas habilidades/superdotação, é essencial refletir sobre o papel do professor nesse processo e sua possível atuação na formação e integração desse sujeito. Guimarães e Ourofino (2007) afirmam ser importante considerar o julgamento, a avaliação e a observação desse profissional, a partir da indicação do “[...] o aluno mais criativo da turma, o aluno com maior capacidade de liderança, o aluno com maior conhecimento e interesse na área de ciências, o aluno com maior vocabulário, o aluno com pensamento crítico mais desenvolvido etc.” (GUIMARÃES; OUROFINO, 2007, p. 57).

Uma vez identificado, o aluno com altas habilidades/superdotação deve ter acesso a um sistema educacional inclusivo, sem discriminação e que atenda a suas necessidades individuais. A estes estudantes é garantido, por lei, o atendimento educacional especializado (AEE).

Conforme exposto, esse atendimento deve, portanto, complementar o ensino regular oferecido aos estudantes com altas habilidades/superdotação em idade escolar. Para que essa suplementação funcione efetivamente, no entanto, o AEE precisa integrar a proposta pedagógica da escola, envolver

a participação da família para garantir o acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas de seu público-alvo e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas (BRASIL, 2011).

Cabe ressaltar novamente que o AEE é complementar ou suplementar ao ensino regular. Isso significa que, dentro da proposta de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, a escolarização das crianças e jovens com altas habilidades/superdotação deve ocorrer nas salas de aula regulares/comuns.

Tanto o atendimento nas salas regulares/comuns, quanto o realizado nas salas de AEE e nos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades e Superdotação (NAAHS) devem ter um mesmo objetivo: suprir as necessidades desses indivíduos, permitindo que eles encontrem desafios e tenham acesso a conhecimentos compatíveis com os seus interesses e habilidades.

Dentre as alternativas de intervenção pedagógicas indicadas pelos teóricos da área das altas habilidades/superdotação, podemos citar quatro principais: o agrupamento; a aceleração; a compactação/flexibilização do currículo e o enriquecimento.

O agrupamento, de acordo com Sabatella e Cupertino (2007, p. 71), consiste em “escolher e separar os estudantes por nível de habilidade ou desempenho”. Segundo esse sistema, os estudantes com altas habilidades/superdotação seriam atendidos em classes especiais ou em pequenos grupos na sala regular, tendo acesso a uma formação diferenciada dos demais colegas.

A aceleração, por sua vez, corresponde à possibilidade de avançar ou de cumprir em menor tempo as séries escolares. Ou seja, o estudante, conforme seu desempenho escolar, “salta” para a série seguinte sem que precise cumprir todo o currículo. Nos casos em que as capacidades superiores ou avançadas são percebidas de forma precoce, já nos primeiros anos de vida, a aceleração pode consistir na entrada antecipada da criança na escola.

Tanto o agrupamento, quanto a aceleração exigem do professor ou do profissional responsável uma tomada de decisão consciente e bem embasada, que busque o aval da família e do próprio estudante. Para além disso,

Ao indicar uma criança para aceleração, o profissional deve avaliar, além do conhecimento acadêmico e da capacidade intelectual, aspectos como o desenvolvimento emocional e a maturidade, e mesmo o crescimento físico, para não criar incompatibilidades muito gritantes. (SABATELLA; CUPERTINO, 2007, p. 74).

Uma alternativa de intervenção pedagógica é o enriquecimento curricular, que pode ser feito a partir de diferentes modelos, ocorrendo tanto na sala de aula quanto em atividades extracurriculares. Consiste, de modo geral, em uma “[...] abordagem educacional que oferece à criança experiências de aprendizagem diversas das que o currículo normalmente apresenta” (GIBSON; EFINGER, 2001, p. 50 *apud* SABATELLA; CUPERTINO, 2007, p. 74).

Virgolim (2007) cita dois modelos de enriquecimento bastante utilizados no Brasil e em outros países: o Modelo de Enriquecimento Escolar, de Renzulli e Reis, que será apresentado a seguir; e o Modelo de Aprendiz Autônomo⁴, de Betts.

⁴ Conforme explica Virgolim (2007, p. 65), o Modelo do Aprendiz Autônomo, de George Betts, foi criado para satisfazer as necessidades cognitivas, sociais e emocionais do aluno superdotado. À medida que tais

O professor pode optar ainda pela compactação/flexibilização do currículo. Essa intervenção nada mais é do que a possibilidade de o estudante prosseguir de forma mais rápida com o conteúdo, “[...] eliminando a rotina de passar por exercícios repetitivos desnecessariamente” (VIRGOLIM, 2007, p. 62). A intenção é abrir espaço para que sejam desenvolvidas atividades de enriquecimento e, caso seja possível, para que haja a aceleração escolar.

Consideramos, portanto, que amplas são as opções de intervenção pedagógica existentes de modo a promover a suplementação curricular a qual os estudantes com altas habilidades/superdotação brasileiros têm direito. Cabe ao professor, embasado por suas observações e pelos interesses do estudante, selecionar a proposta de intervenção que melhor atenderá às suas necessidades educacionais.

Embora existam diferentes concepções e perspectivas sobre a superdotação, cabe destacar a Teoria (ou Modelo) dos Três Anéis, desenvolvida pelo psicólogo e pesquisador Joseph Renzulli e que embasa diversos estudos e pesquisas sobre o altas habilidades/superdotação. Essa concepção considera que as altas habilidades/superdotação consistem na interação de três grupamentos básicos de traços humanos: capacidade/habilidade acima da média; elevados níveis de envolvimento com a tarefa; e elevados níveis de criatividade.

Para Renzulli (2014, p. 544), “os indivíduos capazes de desenvolver comportamento superdotado são aqueles que possuem ou são capazes de desenvolver esse conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano”. Por possuírem essas características, esses indivíduos exigem, no entanto, o que o autor chama de “variedades de oportunidades e serviços educacionais” e que comumente não são oferecidas em programas regulares de ensino.

Como alternativa ao atendimento dessas necessidades educacionais e de modo a estimular o desenvolvimento das habilidades deste público, Renzulli propõe a adoção de um modelo triádico de enriquecimento curricular. Esse modelo prevê a aplicação de três tipos de enriquecimento a serem adotados tanto no ensino regular, quanto no especializado: atividades exploratórias gerais - Tipo I; atividades de treinamento em grupo - Tipo II; e investigações de problemas reais individuais ou pequenos grupos - Tipo III.

Os três tipos de atividades que compõem o modelo triádico de enriquecimento tem sido uma das alternativas adotadas na educação brasileira no que se refere ao atendimento dos estudantes com altas habilidades/superdotação dentro e fora da sala de aula.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

De modo a atingir os objetivos estabelecidos e compreender os caminhos possíveis para a escolarização de educandos com altas habilidades/superdotação a partir da perspectiva de educadores, realizamos uma pesquisa exploratória.

Optamos, neste estudo, pela adoção de uma abordagem quali-quantitativa, que prevê a integração da pesquisa qualitativa e quantitativa. Segundo Goldenberg (2004, p. 63), estudos que utilizam a abordagem quali-quantitativa possibilitam “[...] abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e

necessidades são satisfeitas, o aluno se desenvolve como aprendiz autônomo, capaz de se responsabilizar pelo desenvolvimento da própria aprendizagem.

compreensão do objeto de estudo. Parte dos princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social”.

Definidos o método de pesquisa e a abordagem, partimos para a realização do levantamento bibliográfico, que revisou autores que tratam do histórico da Educação Especial, bem como da especificidade dos indivíduos com altas habilidades/superdotação, suas necessidades educacionais e as práticas pedagógicas capazes de saná-las. Dentre os autores, utilizamos Alencar (1986), Fleith (2007), Virgolim (2007), Guimarães e Ourofino (2007) e Renzulli (2014).

Considerando que a pesquisa exploratória possibilita a adoção de uma série de procedimentos e instrumentos para a coleta e análise de dados, utilizamos, na coleta de dados, o questionário e a entrevista semiestruturada. Ambas foram realizadas com docentes que afirmaram possuir prática pedagógica com estudantes com altas habilidades/superdotação.

O questionário aplicado neste estudo era composto por questões objetivas e discursivas, segmentadas em quatro grandes temáticas: perfil e currículo do professor; instrumentos para identificação dos estudantes com altas habilidades/superdotação; práticas pedagógicas adotadas no atendimento a esse público; e perfil e características dos estudantes com altas habilidades/superdotação.

Ao todo, 30 educadores⁵ com experiência na escolarização de crianças e jovens com AH/SD foram convidados a participarem desta pesquisa por meio do preenchimento do questionário. Os convites foram emitidos entre os meses de outubro e dezembro de 2022 via e-mail, junto ao link de acesso ao formulário on-line. Dos docentes convidados, apenas quatro concluíram o preenchimento da pesquisa. As respostas obtidas serão analisadas nos capítulos seguintes.

Diante do universo restrito de respondentes do formulário e com o intuito de aprofundar-nos na temática estudada, realizamos ainda entrevistas semiestruturadas com duas docentes que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE). A opção por esse instrumento se deu em razão da flexibilidade proporcionada já que, ao contrário de uma entrevista estruturada, a semiestruturada permite que o pesquisador faça intervenções e novos questionamentos sempre que necessário.

Na execução deste estudo foram entrevistadas duas professoras que atuam na rede pública de ensino de Goiás e que haviam respondido às perguntas do questionário. As entrevistas foram feitas de forma *on-line*, por meio do aplicativo *Zoom*, entre os meses de novembro e dezembro de 2022. Do mesmo modo que o questionário, as perguntas da entrevista foram direcionadas ao perfil e experiência das professoras, bem como às práticas pedagógicas adotadas na escolarização dos estudantes com altas habilidades/superdotação.

De forma a assegurar a livre participação e o cuidado ético com a pesquisa envolvendo seres humanos, foi firmado termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) em ambas as etapas de coleta de dados. Este termo, além de garantir a utilização das respostas neste estudo, assegurou o anonimato dos participantes. Por conseguinte, serão utilizados na exposição e análise dos dados nomes fictícios para as entrevistadas e para os respondentes dos questionários.

⁵ O convite para participação nessa pesquisa foi encaminhado via e-mail para educadores que atuam nas redes estadual e municipal de Educação de Goiás, por meio de contato direto que os pesquisadores fizeram com os docentes. Também foram convidados profissionais cujo endereço de e-mail está listado no portal do Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD).

4. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Para compreender o processo de escolarização das pessoas com altas habilidades/superdotação, bem como para aferir os conhecimentos de educadores sobre o processo de identificação e conhecer as práticas pedagógicas indicadas aos estudantes com altas habilidades/superdotação, propusemos um questionário a educadores com experiência na formação de crianças e jovens com habilidades superiores.

Obtivemos o e-mail de 30 docentes com experiência na escolarização de crianças e jovens com AH/SD por meio de contato com equipes das redes municipal e estadual de Educação de Goiás e do acesso ao portal do Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD). Em posse desses e-mails, encaminhamos os convites para preenchimento do formulário. No entanto, apenas quatro dos educadores convidados concluíram a participação na pesquisa.

4.1. Perfil dos sujeitos de pesquisa

As primeiras perguntas, destinadas à obtenção de informações sobre o perfil e currículo dos professores, indicaram que todos os respondentes já atuaram em uma ou mais etapas de ensino da Educação Básica. Dentre os quatro respondentes, apenas um dos profissionais afirmou trabalhar na Educação Infantil e nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental (1º ao 9º ano). Os demais indicaram atuar apenas nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e no Ensino Médio.

Em relação à rede de ensino nas quais eles atuam/atuaram com discentes com altas habilidades/superdotação, dois professores disseram trabalhar na rede pública estadual, um professor é da rede municipal e um professor disse atuar de forma mista, ou seja, tanto na rede pública quanto na rede privada.

Ambas as informações demonstram que o professor pode se deparar com estudantes com habilidades superiores ao atuar nas diferentes etapas da Educação Básica e em diferentes redes de ensino - pública ou privada.

Foram realizadas ainda perguntas sobre a formação acadêmica dos educadores. Dois deles afirmaram ser graduados em Pedagogia. Os outros dois possuíam graduação em História e Letras – Português/Inglês. Todos os entrevistados indicaram ainda terem cursado pós-graduação *lato sensu* em áreas voltadas à Psicopedagogia e à Educação Especial.

De modo a averiguar se os aspectos da Educação Especial, especialmente os que se referem à inclusão dos estudantes com capacidades superiores, são abordados na formação docente, questionamos se estes professores tiveram acesso a temáticas concernentes à inclusão de pessoas com altas habilidades/superdotação em sua formação inicial. Dentre os respondentes, três afirmaram não ter tido acesso a essa temática em sua formação inicial e apenas um indicou ter tido contado com essa temática ainda na graduação.

Tal resposta reforça a necessidade de se inserir, ainda na formação inicial, discussões acerca de inclusão escolar e das especificidades no atendimento a educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e AH/SD. Vale lembrar ainda que a constatação da ausência do debate sobre essas temáticas foi um dos fatores que motivou a proposição desta pesquisa.

Englobamos também, entre as perguntas, a oferta da formação continuada dos educadores. Perguntados se participaram de formação contínua ou continuada sobre a escolarização ou o atendimento de crianças com altas habilidades/superdotação, três participantes afirmaram que sim e um afirmou que não. Todos os que tiveram acesso à essa formação contínua ou continuada confirmaram que essa foi possibilitada ou promovida pela rede de ensino em que atuam.

O fato de as redes de ensino, pública e privada, possibilitarem esse acesso, demonstram a preocupação destas em possibilitar que seus profissionais estejam aptos a atenderem às necessidades educacionais de seus estudantes, sejam elas quais forem. Isso se torna mais relevante ainda se considerada a informação de 75% dos educadores entrevistados não tiveram acesso à aspectos relacionados à inclusão dos discentes com altas habilidades/superdotação no decorrer de suas formações iniciais.

4.2. A identificação e o atendimento de discentes com altas habilidades

Buscando conhecer qual é o papel do professor na identificação e como é feito o atendimento dos estudantes com altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, realizamos perguntas sobre os instrumentos, métodos e recursos utilizados pelos profissionais no decorrer de suas experiências.

Todos os quatro profissionais entrevistados afirmaram já ter participado da identificação de estudantes com habilidades superiores. Nesse processo, esses educadores teriam utilizado testes psicométricos, escalas de características; questionários, entrevistas com familiares, professores e colegas de classe e atividades diversificadas/dinâmicas, bem como a observação do comportamento do estudante.

É interessante perceber que todos os docentes indicaram o uso de mais de um instrumento para a identificação de indivíduos com capacidades superiores. Esse dado demonstra a preocupação em assegurar uma identificação acertada, capaz de reconhecer a presença de altas habilidades nas diversas áreas do conhecimento humano. Esse uso combinado dos instrumentos é, inclusive, defendido por Guimarães e Oufino (2007), que ressaltam a necessidade de uma avaliação abrangente e multidimensional que considere o contexto sociocultural do indivíduo, suas características e as diferentes fontes de informação que o cercam.

Convém destacar que o papel do professor nesse processo de identificação é indicar estudantes que possuam características comportamentais e acadêmicas que possam sugerir a presença de altas habilidades/superdotação. Virgolim (2007, p. 58) afirma que essa indicação - ou nomeação, como ela conceitua - pode ocorrer de forma informal, por meio do levantamento do nome de discentes que possam se beneficiar da suplementação; ou de maneira formal, por meio da aplicação de escalas, questionários e listas de características. Além do educador, a família e o próprio sujeito são peças fundamentais nesse processo de identificação. O diagnóstico, no entanto, deve ser feito por psicólogos ou neurologistas habilitados.

Para ter acesso ao Atendimento Educacional Especializado, porém, não é necessário que o estudante com altas habilidades/superdotação apresente o laudo médico. Segundo orienta o Ministério da Educação, em sua Nota Técnica nº 04/2014,

[...] não se pode considerar imprescindível a apresentação de laudo médico (diagnóstico clínico) por parte do aluno com deficiência, transtornos globais do

desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, uma vez que o AEE caracteriza-se por atendimento pedagógico e não clínico (MEC, 2014).

Assim sendo, o laudo médico deve ser considerado pela escola um documento obrigatório, mas, sim, um documento complementar para a identificação e atendimento desse público.

Partindo para a temática do atendimento, perguntamos aos professores como é feito o atendimento às crianças com altas habilidades/superdotação na escola em que atuam. Dos respondentes, 75% afirmaram que o atendimento é feito de forma combinada, com atendimento regular na sala de aula e Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contraturno, e 25% indicaram que o atendimento é feito somente na sala de aula regular. Nenhum dos entrevistados indicou a adoção de classes especiais ou agrupamentos específicos para esse público. Tais respostas enfatizam que, apesar de as normas assegurarem o acesso ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) gratuito e transversal a todos os níveis, etapas, modalidades de ensino, este nem sempre é ofertado.

Para Pérez e Freitas (2011, p. 111), a ausência de práticas pedagógicas adequadas ou da oferta de AEE aos educandos com altas habilidades/superdotação pode estar intrinsecamente vinculada à representação cultural deturpada desses sujeitos. Isso porque, no senso comum, ainda nos deparamos com a ideia de que os indivíduos com AH/SD se autoeducam. Além disso, a concepção das necessidades educacionais especiais ainda é muito relacionada às deficiências, inviabilizando as necessidades das crianças e jovens com altas habilidades/superdotação.

Foi feito também o questionamento sobre os profissionais envolvidos no processo de escolarização e atendimento desses estudantes. Foram citados o professor regente, responsável pelo atendimento nas salas regulares, e o professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Não foram indicadas a presença de professor auxiliar/profissional de apoio e nem a adoção de uma equipe multidisciplinar (professor + especialistas como pedagogos e psicólogos).

Em relação ao sistema de intervenção adotado nesses atendimentos, foram citados o uso do enriquecimento curricular, da flexibilização (ou compactação) curricular e do agrupamento. Nenhum dos entrevistados indicou ter adotado ou presenciado a adoção da aceleração dos estudantes com altas habilidades/superdotação.

A citação do enriquecimento curricular como estratégia de intervenção não nos surpreende já que, segundo Virgolim (2007), é a opção mais encorajada entre os serviços educacionais brasileiros. Além de garantir a suplementação a qual os estudantes com AH/SD têm direito, o enriquecimento está vinculado à Teoria dos Três Anéis, proposta por Renzulli e que referencia grande parte dos estudos dessa área.

A flexibilização curricular (ou compactação), ou seja, a flexibilização dos conteúdos de modo a permitir que os estudantes com altas habilidades/superdotação passem pelos aprendizados já adquiridos de maneira mais rápida, também é uma estratégia conhecida no campo das altas habilidades/superdotação. No entanto, requer uma maior proximidade entre discente e professor, vez que exige o reconhecimento daquilo que foi ou não apreendido.

Embora Virgolim (2007) considere a flexibilização como uma porta de entrada para a aceleração, na prática isso parece não se refletir. Fato é que nenhum dos entrevistados citou a adoção da aceleração como estratégia de intervenção para a escolarização desse público.

Sobre as atividades disponibilizadas aos estudantes com habilidades superiores, os profissionais afirmaram ofertar: estudos aprofundados na área de interesse do discente (75% dos entrevistados); promover o desenvolvimento de atividades de exploração em diferentes áreas do conhecimento (50% dos entrevistados); realizar projetos e atividades de investigação em diferentes áreas do conhecimento (50% dos entrevistados) e fazer a adaptação curricular das atividades regulares (25% dos entrevistados). Não foram citados a prática de resolução de problemas e nem a participação em concursos ou programas extracurriculares.

Os professores também foram questionados sobre a estrutura da sala onde é feito o atendimento aos estudantes com altas habilidades/superdotação. Perguntamos a eles quais eram os equipamentos e materiais didático-pedagógicos disponibilizados a estes estudantes. Foram indicadas as presenças de livros literários, quebra-cabeças, computador/*tablet*, instrumentos musicais/bandinhas, itens de papelaria, jogos da memória e de raciocínio, ábaco/material, lupa, globo terrestre, calculadora, impressora multifuncional, equipamentos de som e de vídeo e tecnologia assistiva.

Cabe destacar que, na rede pública de ensino, a instalação das Salas de Recursos Multifuncionais destinadas ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) é feita por meio do Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais, do Ministério da Educação (MEC). O programa em questão disponibiliza equipamentos, mobiliários, materiais didáticos e pedagógicos para a organização dessas salas. Assim sendo, a presença de alguns dos itens citados pelos professores, em especial de materiais didático-pedagógicos, provavelmente reflete os impactos dessa ação.

4.3. O perfil dos estudantes com altas habilidades/superdotação

Considerando o papel dos professores enquanto um dos atores que atuam na identificação de estudantes com altas habilidades/superdotação, realizamos perguntas sobre o perfil e características desse público.

Questionados sobre quais características eles identificavam nos educandos com altas habilidades/superdotação com quais eles tiveram contato, 100% dos entrevistados relataram a facilidade de aprendizagem, alto grau de curiosidade, atenção concentrada, criatividade e imaginação, vocabulário avançado para a idade cronológica e interesse por livros e outras fontes de informação. Uma boa memória, interesse por tópicos ou áreas diversas, liderança, riqueza de expressão verbal, facilidade de interagir com crianças mais velhas e adultos, habilidade para lidar com ideias abstratas, habilidade para perceber discrepâncias entre ideias e pontos de vista e preferência por situações/objetos novos foram citados por 75% dos entrevistados. 50% dos entrevistados indicaram, como características de destaque, a independência e a autonomia, o senso de humor e a originalidade para resolver problemas. Apenas 25% dos entrevistados afirmaram perceber em seus estudantes um alto nível de energia e a imaturidade ou instabilidade emocional.

Reconhecer as características desses estudantes é importante, considerando o papel do professor no processo de indicação e identificação das altas habilidades/superdotação. As diferentes respostas registradas no questionário, no entanto, reforçam a heterogeneidade dos indivíduos com habilidades superiores, marcada pela presença de características e habilidades diferentes, o que requer um olhar criterioso e atento por parte do educador.

Considerando a possibilidade da dupla excepcionalidade, ou seja, da presença de capacidades superiores em uma ou mais áreas em um indivíduo com transtornos ou desordens comportamentais

e emocionais, perguntamos aos educadores se em suas salas de aula havia algum estudante com essa característica. Apenas uma professora indicou a presença da dupla excepcionalidade, marcada pela presença das altas habilidades/superdotação e do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Não há, no Censo Escolar 2021, dados sobre a dupla excepcionalidade. Ainda assim, as respostas obtidas no questionário indicam que essa característica se faz presente na prática pedagógica e merece atenção por parte dos teóricos e docentes da área da Educação Especial.

5. ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NA PRÁTICA

Com o intuito de ampliar o olhar sobre as práticas pedagógicas adotadas na escolarização de crianças e jovens com altas habilidades/superdotação, duas educadoras participaram de entrevistas semiestruturadas sobre a temática. Foram entrevistadas duas professoras, aqui nomeadas como Joana Magalhães e Maria Siqueira⁶, que atuam na área da educação inclusiva. A primeira entrevistada possui dez anos de experiência e atualmente trabalha como professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Sala de Recursos Multifuncionais de uma unidade da rede municipal de Educação. A segunda também atua com o AEE na rede estadual de Educação e, desde o ano passado, trabalha com a identificação e avaliação de discentes com altas habilidades/superdotação.

Em ambas as entrevistas, pudemos perceber o impacto que as experiências pessoais possuem na forma com que as profissionais atuam. Joana Magalhães, por exemplo, relatou ter vivenciado, na sua primeira experiência com estudantes com altas habilidades/superdotação, os desafios da dupla excepcionalidade.

De acordo com a professora, à época ela recebeu no Atendimento Educacional Especializado um estudante com altas habilidades/superdotação e que, mais tarde, seria diagnosticado com Síndrome de Asperger. Tal característica gerou, em um primeiro momento, a frustração da educadora, que não via avanços no processo de desenvolvimento das habilidades.

Como a criança não correspondia a muitas propostas que eu fazia, eu me concentrei em trabalhar somente a partir da proposta para as altas habilidades/superdotação, com atividades do tipo 1, prioritariamente, porque era uma criança muito pequena, tinha seis anos. (Entrevista I, 2022)⁷

As atividades do tipo 1 citadas pela profissional correspondem ao primeiro nível de enriquecimento curricular proposto por Renzulli (2004), e que se refere à realização de atividades exploratórias gerais. Tal informação reforça a adoção do modelo triádico de enriquecimento curricular deste autor como base para a intervenção pedagógica para discentes com altas habilidades/superdotação.

Questionada sobre as características que chamam a atenção entre estudantes com altas habilidades/superdotação, Maria Siqueira (Entrevista II, 2022) também citou a Teoria dos Três Anéis, de Renzulli (2004), elencando as características que baseiam tal concepção: o envolvimento, a habilidade acima da média e a criatividade.

⁶ Ambos os nomes citados são fictícios, adotados de forma a preservar o anonimato dos profissionais entrevistados no decorrer desta pesquisa.

⁷ MAGALHÃES, Joana. **Entrevista I**. [nov. 2022]. Entrevistador: Ana Carolina de Lima Jobim Medeiros. Goiânia, 2022. 1 arquivo.mp4 (27 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta monografia.

A referência a métodos e a concepções sedimentadas por pesquisadores e teóricos da área das altas habilidades/superdotação demonstram, ao nosso ver, uma prática pedagógica contextualizada e amparada pela ciência. Embora não represente explicitamente a forma como a escolarização desse público é feita na prática, indica uma compreensão das individualidades e necessidades das crianças e jovens com habilidades superiores.

Retomando a discussão sobre a dupla excepcionalidade, Joana destacou ainda que, posteriormente, descobriu que o quadro do estudante correspondia a uma condição chamada *underachievement*. O *underachievement* se refere a pessoas com altas habilidades/superdotação que possuem um baixo rendimento. Ourofino e Fleith (2011) afirmam que essa condição

ênfatiza a discrepância entre o potencial revelado (habilidade) e a performance (realização) de indivíduos superdotados diante das variadas situações que a vida lhes oferece, seja na resolução de problemas, na constituição e no alcance de metas pessoais, familiares e profissionais ou mesmo em relação à motivação para atingir sua autorrealização. (OUROFINO; FLEITH, 2011, p. 206).

A atitude da entrevistada diante da condição reforça o que expusemos anteriormente sobre a prática pedagógica amparada pela ciência e indicam a necessidade de o educador saber agir diante da imprevisibilidade, adequando seus métodos e técnicas aos efeitos produzidos na relação com outro e com o ambiente. E ensinar, como Freire (2011, p. 23) afirma, é ter consciência do inacabamento, é saber pesquisar para “[...] conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

A necessidade da pesquisa continuada e da busca por informações também permeiam a fala de Maria Siqueira. Ao lembrar sua primeira experiência com as altas habilidades, a educadora salientou que “*nós temos que buscar sempre informações para trabalhar nessa área, porque cada dia é uma coisa diferente. Você tem que buscar atividades diversificadas, desafiadoras. Atividades que envolvam realmente o aluno nesse processo*” (Entrevista II, 2022).⁸

A professora ainda ressaltou a heterogeneidade do grupo e a existência de múltiplas inteligências, o que ocasiona a existência de indivíduos com altas habilidades/superdotação em diversas áreas, combinadas ou não. Para lidar com diversas possibilidades e conseguir atender as necessidades educacionais desses estudantes, Maria defende a realização do que ela chama de coleta de dados e que inclui a obtenção de informações do próprio sujeito, da família e dos professores.

Outro ponto de destaque na fala de Maria Siqueira se refere à indispensabilidade da parceria entre professores, família e comunidade escolar como um todo. Para a docente, há de se ter essa parceria tanto para favorecer a compreensão sobre o discente quanto para a realização de uma prática pedagógica mais assertiva.

“*Se não existe parceria é difícil, porque a identificação começa dentro da sala de aula normalmente [...] Então, quando há a parceria, o trabalho flui*” (Entrevista II, 2022), afirmou a profissional. Segundo Maria Siqueira, a troca de experiências dentro da escola faz com que as atividades estejam de acordo com o nível e a habilidade real do estudante, valorizando-o.

Outra parceria citada por ambas as profissionais advém da atuação do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação de Goiás (NAAH/S). Segundo Maria Siqueira, o apoio do núcleo se

⁸ SIQUEIRA, Maria. **Entrevista II**. [dez. 2022]. Entrevistador: Ana Carolina de Lima Jobim Medeiros. Goiânia, 2022. 1 arquivo.mp4 (24 min.).

materializa no apoio à identificação das crianças e jovens com AH/SD e em assessorias pedagógicas que subsidiam o atendimento a este público. *“O NAAH/S contribui nessas assessorias que são fornecidas para nós. Há uma troca de experiência, uma troca de informações, sugestões que a gente vai trabalhando”* (Entrevista II, 2022), destacou a educadora.

Nas entrevistas, as professoras também forneceram informações sobre a estrutura da Sala de Recursos Multifuncionais, espaços em que atuam, e sobre as práticas pedagógicas que permeiam o Atendimento Educacional Especializado. As respostas obtidas se assemelham com as registradas no questionário aplicado, indicando a presença de mobiliários e equipamentos, além de jogos e recursos pedagógicos.

Em sua fala, Joana Magalhães fez questão de reforçar que as 35 Salas de Recursos Multifuncionais⁹ em funcionamento no município de Goiânia são padronizadas, visto que, conforme exposto anteriormente, são implementadas seguindo um padrão criado pelo Ministério da Educação. De acordo com ela, nesses espaços o trabalho é realizado no contraturno escolar e parte do interesse do estudante com altas habilidades/superdotação. E, segundo ela, cabe ao professor do AEE buscar atividades e recursos que atendam a esses interesses e que, ocasionalmente, não estejam ali disponíveis.

Maria Siqueira, por sua vez, enfatiza que o trabalho pedagógico neste ambiente parte da aplicação de atividades diversificadas, desafiadoras aos discentes com altas habilidades/superdotação. Considerando que o atendimento é realizado duas vezes por semana, por duas horas/aula, ela salienta ainda a necessidade da retomada do vínculo com os educandos. *“Eu, no primeiro momento, faço uma acolhida, uma retomada, uma roda de conversa e proponho minhas atividades. [...] dessa forma, eu estou sempre trazendo o meu aluno para a aula”* (Entrevista II, 2022), destaca a professora.

A função do currículo no contexto do Atendimento Educacional Especializado foi um assunto abordado e queremos destacar. Isso porque, em uma de suas respostas, Joana afirmou que a *“[...] natureza do AEE possibilita que a gente extrapole o currículo. [...] O currículo vai entrar ali de forma até transdisciplinar. A gente não se atém a ele”* (Entrevista I, 2022).

O Decreto nº 7.611/2011, que dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional especializado, prevê que esse atendimento seja prestado de forma a complementar a formação dos estudantes com altas habilidades/superdotação. Para isso, ele deve estar integrado *“[...] à proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas.”* (BRASIL, 2011). Não exige, portanto, que o AEE siga estritamente o currículo, possibilitando, inclusive, o enriquecimento e a flexibilização curricular.

Apesar de não ter abordado expressamente o debate sobre o currículo, Maria Siqueira falou sobre a forma como a escolarização dos estudantes com altas habilidades/superdotação deve ser contextualizada, seguindo o proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para a educadora:

[...] contextualizando essas atividades, essa proposta e tendo esse olhar para esse lado, buscando novas estratégias e valorizando o que o aluno traz de bagagem de

⁹ Número fornecido pela entrevistada.

conhecimento, de experiências vivenciadas, as trocas de informações, ela (a escolarização) enriquece, sim, e potencializa o aluno nesse sentido. (ENTREVISTA II, 2022).

Com o intuito de apreender a visão das professoras sobre a Educação Inclusiva, questionamos ainda sobre as suas opiniões a respeito da adoção de classes especiais para estudantes público-alvo da Educação Especial.

Para Joana Magalhães, a criação das referidas classes não é viável, visto que os discentes com altas habilidades/superdotação “[...] têm algumas necessidades que somente na interação com os pares diferentes, com características diferentes, é que eles vão poder se desenvolver” (Entrevista I, 2022). Para ela, há de se defender a possibilidade do que ela chama de progressão, ou seja, da aceleração de estudantes com habilidades superiores, mas não a adoção das classes especializadas.

No mesmo tom, Maria Siqueira defendeu a diversidade em sala de aula, afirmando que “[...] cada um tem a sua potencialização, a sua individualidade, a sua habilidade. Mas, quando é trabalhado junto, de forma coletiva, cada um trazendo uma informação diferente com certeza tem muito mais enriquecimento curricular ainda” (Entrevista II, 2022).

Tais compreensões coadunam com as concepções defendidas por esta pesquisa e que condizem com a visão de uma escola capaz de

[...] prever a eliminação das barreiras com necessidades educacionais especiais, promovendo a participação a partir de novas relações entre os alunos, fundamentais para uma socialização humanizadora; de novas relações pedagógicas centradas nos modos de aprender das diferentes crianças e jovens; e de relações sociais, que valorizam a diversidade em todas as atividades, espaços e formas de convivência e trabalho. (DUTRA, 2004, p. 9 *apud* VIRGOLIM, 2007, p. 57).

Nas entrevistas realizadas, as profissionais deixaram elucidada a intenção de contribuir para a construção dessa escola, sobretudo para os estudantes com altas habilidades/superdotação. Não em vão, foram citadas e nomeadas práticas pedagógicas que possibilitam a identificação e o desenvolvimento dos potenciais de seus discentes, nos moldes que cada situação permite. Para que essas práticas sejam efetivas, no entanto, faz-se necessário o trabalho coletivo, que envolve a escola, a família e, outrossim, o respeito às individualidades dos sujeitos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer as características das crianças e jovens com altas habilidades/superdotação é fundamental para que nós, professores, possamos contribuir de forma assertiva com a identificação das habilidades superiores. Compreender que essas habilidades podem estar em diferentes áreas também é fundamental neste processo, de modo que possam ser reconhecidas tanto a superdotação escolar quanto a criativo-produtiva.

Uma vez ciente dessas características, cabe ao professor criar alternativas dentro da sala de aula que possam acolher as necessidades desses estudantes e permitir que eles desenvolvam as suas potencialidades. Fazer isso de forma concisa, consensual e coletiva, como pudemos perceber nas respostas obtidas nesta pesquisa, é essencial para garantir o interesse desses indivíduos pela escolarização.

Independentemente da adoção do enriquecimento curricular, da flexibilização/ compactação ou de atividades diversificadas, as falas dos educadores entrevistados nos indicaram que o importante é ouvir e respeitar o interesse desses sujeitos. Qualquer passo, mínimo que seja, faz a diferença quando a intenção é resgatar esses indivíduos da invisibilidade. E isso vale não só para os discentes com altas habilidades/superdotação, mas para todos aqueles que são público-alvo da Educação Especial.

Considerando o cenário atual da Educação Básica brasileira, que se movimenta rumo à garantia da inclusão escolar, a quebra de alguns paradigmas e barreiras se fazem necessárias. Primeiro, na formação inicial de professores. É indispensável que os cursos de graduação passem a abordar, de maneira mais eficaz, os aspectos relacionados à escolarização de crianças, jovens e adultos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. As salas de aula atuais não comportam mais as práticas pedagógicas pensadas apenas para os estudantes que não compõem o público-alvo da educação especial. Nesse sentido, é preciso um olhar holístico para as necessidades de todos os educandos, independentemente de suas condições orgânicas.

Barreiras atitudinais, estereótipos e preconceitos também devem ser erradicados e não devem reverberar na prática docente. A estrutura atual ainda continua formando educadores que se enxergam como incapazes de atuar com o público com diferentes perfis de estudante, em especial àqueles com deficiência. A evidência do exposto foi revelada nesta pesquisa, em que todos os entrevistados indicaram ser especialista em áreas relacionadas à Educação Especial ou à neuropsicopedagogia. Essa especialização é muito indicada, mas não deve ser requisito para qualificar quem é capaz ou não de educar para a diversidade.

A garantia da oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE), da mesma forma, deve ser uma luta nossa como docentes. Afinal, esse é um direito garantido por lei e que, como vimos, tem assegurado o acesso de diversos estudantes a práticas pedagógicas compatíveis às suas necessidades. Pensar que, ainda hoje, existem indivíduos sem esse atendimento nas escolas regulares em nosso país nos surpreende e acaba sendo um limitador para o desenvolvimento das suas habilidades.

Considerando todos esses fatores, ansiamos que esse estudo seja inspiração para futuras pesquisas sobre a função docente e seu papel na consolidação da inclusão, sobretudo para a realização de estudos futuros com amostragens maiores. Nesse sentido, queremos que os dados aqui trazidos, análises e sugestões alarguem o nosso olhar sobre as múltiplas inteligências e para as altas habilidades/superdotação, para além daquele estereótipo de "gênio", "prodígio", "superdotado", "inteligente em todas as áreas", mas a partir da compreensão de que a pessoa com altas habilidades é público-alvo da educação especial e, assim, necessita de mediações adequadas para aprender e se desenvolver com êxito.

7. REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Soriano de. **Psicologia e educação do superdotado**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.

ALENCAR, Eunice Soriano de. Indivíduos com Altas Habilidades/Superdotação: Clarificando Conceitos, Desfazendo Ideias Errôneas. In: Denise de Souza Fleith (Org.) **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**: orientação a professores. v. 1, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. p.15-23.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab2.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 10 ago. 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2021**. Brasília, DF: Inep, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2021.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.

FLEITH, Denise de Souza. **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**: volume 1: orientação a professores. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. p. 27-39. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab2.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011.

GUIMARÃES, Tânia Gonzaga; OUROFINO, Vanessa T. A. Tentes de. Estratégias de identificação do aluno com Altas Habilidades/superdotação. In: Denise de Souza Fleith (Org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**: volume 1: orientação a professores. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. p. 53-66. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab2.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente - A teoria das inteligências múltiplas**. 1. ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GARDNER, Howard. O nascimento e a difusão de um "meme". In: GARDNER, Howard *et al.* **Inteligências múltiplas ao redor do mundo**. Tradução Roberto Cataldo Costa – Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 16-30.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

MAGALHÃES, Joana. **Entrevista I**. [nov. 2022]. Entrevistador: Ana Carolina de Lima Jobim Medeiros. Goiânia, 2022. 1 arquivo.mp4 (27 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta monografia.

OUROFINO, Vanessa Terezinha Alves Tentes de; GUIMARÃES, Tânia Gonzaga. Características intelectuais, emocionais e sociais do aluno com altas habilidades/superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**. Brasília/DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial.

Volume 1: orientação a professores, 2007. p. 41-51. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab2.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022

OUROFINO, Vanessa Terezinha Alves Tentos de; FLEITH, Denise Souza. A condição underachievement em superdotação: definição e características. **Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo, v. 13, n. 3, p. 206-222, 2011. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/1938/193821358016.pdf>. Acesso em 02 jan. 2023.

PÉREZ, Susana Graciela P. B; FREITAS, Soraia Napoleão. Encaminhamentos pedagógicos com alunos com Altas Habilidades/superdotação na Educação Básica: o cenário brasileiro. **Educar em Revista**, Editora UFPR: Curitiba. n. 41, jul./set.2011. p. 109-124. Disponível em:
<http://educa.fcc.org.br/pdf/er/n41/n41a08.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.

RENZULLI, Joseph S. O Que é Esta Coisa Chamada Superdotação e Como Desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Educação**, Rio Grande do Sul, v. 27, n. 52, p. 75-131, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/848/84805205.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

RENZULLI, Joseph S. Modelo de enriquecimento para toda a escola: um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 27, n.52, p. 539-562, 2014. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14676>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SABATELLA, Maria Lúcia; CUPERTINO, Christina M. B. Práticas educacionais de atendimento ao aluno com altas habilidades/superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**. Brasília/DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. Volume 1: orientação a professores, 2007. p. 67-80.

SIQUEIRA, Maria. **Entrevista II**. [dez. 2022]. Entrevistador: Ana Carolina de Lima Jobim Medeiros. Goiânia, 2022. 1 arquivo.mp4 (24 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta monografia.

VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab1.pdf>. Acesso em 10 ago. 2022.

Submissão: 25/06/2023

Aceito: 06/09/2023